

Índice

Aniversário	9
Denunciar vezes Sete	17
A Posse	25
Intervencionados	33
Servindo o Chá	45
Inferno	61
Certas Raízes	73
Nota da Autora	99

Aniversário

O professor ia fazer sessenta anos. Isso, se bem que assustador, tinha resposta, considerava. Que resposta, não sabia. Algo que se parecesse com um escândalo.

Pois muito escandaloso era aquele número a cair como lâmina na nuca. Homens havia com aquela idade que namoravam raparigas e as levavam para dentro de casa onde decerto elas tentavam ensiná-los a dançar. Ele encontrava-os juntos nos espectáculos e via por cima do sorriso o olhar do susto, de alguém que se prepara para saltar. As raparigas eram uma ponte a que o homem de idade se elevava para alcançar de novo a experiência do sexo. Mas oscilava e havia uma queda no fim.

O professor Cinfães queria-lhes mal, mas não era por força da inveja. Não podia impedir-se de pensar, quando os olhava, que se iriam desfazer. As raparigas tinham semelhanças a pequenas harpias, com as unhas aduncas, de cores fortes. O medo tem critérios. No entanto, o professor não os reconhecia. E fugia dos seus contemporâneos como quem foge de uma pestilência. Tratava-se de um homem muito só.

Ele fora sempre maçador, não por falar do seu passado, como os velhos falam, mas pela sua paixão pela minúcia que impacientava os interlocutores. Ao contrário do que é habitual, à medida que o iam conhecendo, afastavam-se. Desistiam perante o esforço necessário para manter uma conversa com

aquele homem que, minuto a minuto, discutia o sentido profundo das palavras, tomando-as pelo que tinham valido antigamente, mais especulativo do que Sócrates num mundo que tendia a emudecer.

O professor formara-se em Estudos Clássicos. Apesar de nas aulas tratar com literaturas, onde há descaramento das metáforas, recebeu do latim um gosto pelo rigor que quase o conduzia à obsessão.

Levava tudo à letra. Isso tornava as relações desconfortáveis. «Não sei se o que te falta é imaginação ou sensibilidade», dizia-lhe a mulher. Andava a deitar flores nas saladas. Via-se bem que era submissa às modas e que nutria certas ambições. Tinha a sua carreira nas Finanças. A filha lambuzava-a quando ela estava prestes a sair para jantares, enquanto o professor elucubrava sobre o sentido exacto de uma frase a que cabia apenas a função de ser prática. Ele recusava dar aquele passo em que a palavra ganha abstracção. Queria-a intensa, rude e primitiva, quase matéria, quase uma imponência. «Sou muito bem capaz de criar uma imagem e tenho os meus sentidos afinados», respondia. E as coisas degradaram-se quando, em conversa com amigos, afirmou que não fazia amor. Houvera um súbito desvio nas atenções e o professor não teve tempo de se explicar. Não que ficasse uma desconfiança. Mas foi pretexto para os trocadilhos que o professor odiava. As mulheres riam ordinariamente.

Quando se separaram, ela manteve o apelido conjugal, Cinfães, a pretexto de que era trabalhoso tirá-lo. Foi a única vez que o professor a tratou com maldade. «Se calhar, já casaste pela palavra. Casaste pela importância da palavra.» Ela não quis compreendê-lo, mas corou. Sofria realmente de uma grande fraqueza no apelido do pai.

Ultimamente, a filha andava a sugerir que ele lhe devia abrir as contas do dinheiro. Queria ela dizer, dar-lhe o acesso a todos os depósitos bancários. O pai pensava sempre na resposta: «As contas já não estão em arcas. Não se abrem.» Mas receava

muito as suas iras. Os passos dela haviam conservado a dureza dos passos infantis. Ele, que a amamentara literalmente porque o leite da mãe cedo esgotara, pensava que se achavam envolvidos numa neurose funda, maternal. A ex-mulher fazia uma carreira de sucesso na Europa e ele arrostou com as dificuldades de confortar um ser em crescimento. Adulta, a filha tinha uma enteada com tendências para a intriga e a manipulação e precisava de gastar dinheiro com ela. Culpava o pai e ele sentia-se culpado.

Com a fama de excêntrico que punha todo o investimento nas palavras em prejuízo do agrado social, tinha sobre os discípulos uma estranha influência. Naquele ano contava vinte alunos e meio com boa média. O meio número provinha de uma rapariga que primava pela ausência. Era brilhante e pouco se lhe dava reprovar.

Às vezes os colegas perguntavam-lhe se ele vendera a alma a Mefistófeles em troca de criar entre os alunos um leque de emoções particulares. Amavam-no ou odiavam-no. Nenhum tinha a respeito dele essa indiferença que deixava a docência exasperada. «Você o que lhes faz?», questionavam. «Atiro-os para o fundo», respondia.

Confrontava os rapazes com as palavras, como se a intenção fosse ofendê-los. E começava pelas evidências, por palavras comuns. Democracia. «O que dizem vocês desta palavra? Sabem que vem da Grécia, são capazes de a dividir nos seus constituintes! Que é o poder do povo e pronto? Não. Lá na Grécia, pensavam. Eles pensavam e esse é o abismo, uma separação sem fundo, o vácuo entre nós e os antigos. Sobre cada palavra, o que eles escreveram, o que eles debateram. Conceitos e sentidos das palavras. Democracia, por exemplo. Se “*demos*” é o povo e o povo é pobre, democracia é o poder dos pobres. Se a maioria é pobre, os pobres ganham. Se os ricos falam bem e até

conseguem que o povo vote neles, sendo eles poucos, não será isso, então, oligarquia? Os modos do poder e as palavras significantes de poder coincidirão? Eles discutiam. Eles queriam discutir. Deliciavam-se com o uso das palavras e com a formação do pensamento. Pensavam muito. Mas vocês não pensam nada. Não pensam e não escrevem e não falam. Só rosnam. Tatuados como bárbaros. Vão para o princípio, voltem para o princípio. Se não voltarmos para o princípio, acaba tudo.»

Eles saíam da aula enfurecidos e gritando uns com os outros nas escadas. Estavam habituados a impor uma espécie de medo nos mais velhos e, por misteriosíssimas razões, aquele homem deixava-os fascinados. Depois saía o professor que os ignorava e ganhava beleza na altivez.

Havia ali uma tensão de guerra, algo que só encontraria alívio num combate de brutos, sem quartel, que nunca poderia ter lugar. Histórias de professores assassinados eram contemporâneas de Camilo. Só estava disponível uma arma, que era o saber. E os alunos municavam-se.

O professor Cinfães queria marcar notavelmente o seu aniversário. Não que sentisse uma melancolia de fim de vida. Apenas entendeu que queria, finalmente, incomodar. Sendo «democracia», a mais sensível das palavras de guerra com os alunos, um desses casos de segredos que se guardam expondo-os a toda a gente, decidiu. Oferecer-se-ia de presente um pobre. Não um pobre qualquer: um pobre bom, um pobre que tivesse concerto. Ao levá-lo para casa, interviria no milagre da reabilitação.

Deixá-lo-ia na banheira e era possível que, uma vez enxaguada a sujidade da vida mendicante, aparecesse um cabelo alourado, qualquer coisa de aristocrata, de nobreza oculta. Não havia, porém, lavagem para aquilo que estava no interior, para a compulsão do crime que ficava para além do bem e para

além do mal. Por isso é que os caridosos entusiastas e alguns pais adotivos correm perigo.

O professor Cinfães sorriu, à ideia de que a sua ousadia tinha riscos quase iguais aos que os outros corriam ao casarem. Isso, porém, já era tão vulgar que pouco se falava a tal respeito. Levar um pobre para casa geraria uma terrível comoção entre os amigos. E a filha tentaria que o declarassem louco. Tudo aquilo o deixava muito entusiasmado.

Mas, apesar de ter educado a criança, o que lhe dera algum sentido prático, ele ignorava como proceder. Como e em que lugar se arranja um pobre?

Lembrou-se dos pequenos pedintes muito escuros que, alguns anos atrás, paravam no meio das estradas, tocando acordeão. Tinham desaparecido, como se fossem só um desenho que se apaga. Talvez houvesse nas Misericórdias algum departamento para oferta de pobres. Ele ouvira dizer que não abundam as crianças de colo, dessa idade em que a vida anterior sai facilmente. Mas ninguém procurava por adultos.

Em tempos, a grandeza de uma casa era medida pela quantidade de pessoal doméstico e o capricho dos seus uniformes e pelos pobres que acolhia na cozinha. As senhoras diziam «os meus pobres» com a maior das naturalidades. De modo algum os confundiam com os cães. Tinham alma e, com isso, o céu ou o inferno à espera.

O professor perdeu-se nas ruas de Lisboa à procura de pobres e assustou-se. Não se achavam assim tão disponíveis como ele imaginara. Moravam certamente em bairros próprios ou, como se mostrava em reportagens durante as grandes caridades do Natal, estavam perto uns dos outros, sempre juntos.